

EDUCAÇÃO PELA MEMÓRIA: A IA REDEFINIRÁ A VERDADE HISTÓRICA DOS FATOS?

EDUCATION THROUGH MEMORY: WILL AI REDEFINE HISTORICAL TRUTH?

 Fernanda de Oliveira Felix de Almeida^A
 <https://orcid.org/0000-0003-4593-554X> Wallace Carriço de Almeida^B

^A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica, RJ, Brasil

^B Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica, RJ, Brasil

Recebido em: 31 de julho de 2024 | **Aceito em:** 29 de novembro de 2024

Correspondência: Fernanda de Oliveira Felix de Almeida (fernandaofelix@gmail.com)

Resumo

Este artigo explora o impacto da inteligência artificial (IA) na educação, questionando se a tecnologia pode redefinir a verdade histórica dos fatos. Com foco na memória e na interpretação de eventos passados, discute-se como algoritmos podem influenciar a percepção coletiva da história. Analisam-se os benefícios da IA na acessibilidade e na personalização do aprendizado, assim como os desafios éticos e epistemológicos relacionados à objetividade histórica e à narrativa dominante. Conclui-se com reflexões sobre como educadores e sociedade podem navegar nesse novo paradigma educacional de forma crítica e responsável.

Palavras-chave: Educação; História; Memória; Inteligência Artificial; Cibercultura.

Abstract

This article explores the impact of artificial intelligence (AI) on education, questioning whether technology can redefine the historical truth of facts. Focusing on memory and the interpretation of past events, it discusses how algorithms can influence the collective perception of history. It analyzes the benefits of AI in the accessibility and personalization of learning, as well as the ethical and epistemological challenges related to historical objectivity and the dominant narrative. It concludes with reflections on how educators and society can navigate this new educational paradigm in a critical and responsible way.

Keywords: Education; History; Memory; Artificial Intelligence; Cyberculture.

Educação pela memória em tempos de guerra de narrativas

Não haveria cultura nem história sem inovação, sem criatividade, sem curiosidade, sem liberdade sendo exercida ou sem liberdade pela qual, sendo negada, se luta. Não haveria cultura nem história sem risco, assumido ou não, quer dizer, risco de que o sujeito que o corre se acha mais ou menos consciente. Posso não saber agora que riscos corro, mas sei que, como presença no mundo, corro risco. É que o risco é um ingrediente necessário à mobilidade sem a qual não



2025 Almeida; Almeida. Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.

há cultura nem história. Daí a importância de uma educação que, em lugar de procurar negar o risco, estimule mulheres e homens a assumi-lo

Paulo Freire

Este artigo explora como a inteligência artificial está influenciando a educação, considerando seu impacto histórico, cultural e social. Tendo como base duas pesquisas acadêmicas — uma sobre fake news e pós-verdade (Almeida, 2022) e outra sobre presença cultural, instituições e memória coletiva (Almeida, 2021) — discute-se como a IA generativa pode manipular dados históricos e afetar nossa percepção dos fatos na memória coletiva. Destaca-se ainda a necessidade de uma educação que promova pensamento crítico e responsável no uso dessas tecnologias emergentes, para entender melhor nossa presença histórica na contemporaneidade e o lugar da verdade nas narrativas do passado e do presente em busca de um futuro.

Ao longo dos séculos, a memória, tem sido objeto de estudo e análise de diversas áreas do conhecimento, em um campo de estudo dinâmico e em constante evolução, marcado por descobertas e interpretações. Porém, em relação à formação da identidade cultural e social de uma sociedade, é estabelecido que a memória coletiva atua como elemento crucial na relação que estabelecemos com o cotidiano e seus praticantes, associando essa conexão com nossa própria perspectiva de memória e identidade. No entanto, a maneira como interpretamos e compreendemos esses movimentos está, cada vez mais, sendo influenciada por tecnologias emergentes, dentre essas, a Inteligência Artificial (IA).

Algoritmos avançados e Grandes Modelos de Linguagem (Large Language Models - LLMs) têm a capacidade de analisar vastos conjuntos de dados históricos, identificando padrões ocultos e fornecendo percepções que podem revolucionar, ao mesmo tempo, as pesquisas e a tecnologia. No entanto, essa mesma capacidade levanta preocupações significativas, que trazem consigo uma série de desafios éticos e epistemológicos. Uma vez que a verdade fatural, princípio fundamental no estudo da história, pode ser comprometida por vieses algorítmicos, pela predominância de narrativas dominantes, pela manipulação e alienação dos dados quando a mesma IA generativa que atua em eventos atuais, também pode falsificar eventos e fatos passados.

Mesmo que a legislação atual já preveja algum tipo de regulação para IAⁱ, pelo apontamento de diferentes níveis de riscos e procedimentos, existe um mundo de conteúdos

históricos que não possuem ou não podem receber uma marca d'águaⁱⁱ, e caso sejam manipulados, podem levar à erosão do pensamento crítico, a aceitação passiva de versões simplificadas da verdade ou até mesmo da prevalência da contrafação, gerando uma memória falseada.

Como a memória está intrinsecamente ligada à nossa experiência em sociedade, nossas primeiras lembranças são frutos de nossas experiências familiares e possuem relações diretas com referências prévias. Nesse sentido, para recordarmos coletivamente algo que tenha sido memorizado, é necessário que essa lembrança seja compartilhada por outros, ou que tenha sido vivida em presença de um coletivo que, de alguma maneira, tem conexão com o indivíduo que a recorda. Por isso, mesmo nas lembranças individuais, aquelas que cremos que são apenas nossas, há interferências coletivas, mesmo que não as percebamos. Por isso, não há uma memória individual única e intocada pelo exterior, mas sim, uma memória coletiva (Halbwachs, 1990).

Assim, em toda forma de lembrança, a referência coletiva se encontra presente, por meio de “um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo”. Trata-se de “um enunciado relativo a uma *descrição* de um compartilhamento hipotético de lembranças” (Candau, 2016, p. 24) onde a narrativa histórica é construída e reforçada por meio da interação social e dos discursos coletivos. Não são apenas relatos do passado, mas sim construções dinâmicas que refletem as identidades, valores e interesses dos grupos que as produzem e mantêm, sendo estas verdadeiras ou falsas. Resultando uma narrativa que pode divergir da realidade fática em uma espécie de Efeito Mandelaⁱⁱⁱ com proporções devastadoras.

Por isso, extrapolamos aqui o sentido do exercício do rememorar em diálogo com a IA, situando esse movimento na contemporaneidade e como fenômeno da cibercultura (Santos, 2019, p.19), para representar um processo dinâmico de construção de significados e significantes. Não estático nem fragmentado, mas que, ao contrário, é moldado por interações sociais, poderes dominantes e narrativas hegemônicas que fabricam o tecido da história coletiva, e que algoritmizadas tornam-se ainda mais capazes de influenciar tanto a preservação quanto a reinterpretação dessa memória.

Assim, mesmo a lembrança, se propriamente agenciada, deixa de ser um mero devaneio que nos vêm à mente, para atuar de modo a alicerçar ou desestruturar o sentimento identitário, a personalidade. Ocasionalmente uma ausência de si e uma urgência do se encontrar, acarretando,

assim, em alterações na individualidade, onde nem mais o indivíduo, nem os que o rodeiam podem afirmar que ele continua “o mesmo”.

Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece. Não produz mais do que um sucedâneo de pensamento, um pensamento sem duração, sem a lembrança de sua gênese que é a condição necessária para a consciência e o conhecimento de si [...] de fato, é o conjunto da personalidade de um indivíduo que emerge da memória. [...] ela é, desse ponto de vista, bem mais eficiente que as simples sensações: é da duração ou da repetição destas que nasce a consciência de si... (Candau, 2016, p. 60-61).

Por isso, como a memória não apenas registra nossas experiências passadas, mas também sustenta nossa capacidade de entender o presente e projetar o futuro, moldando assim nossa percepção de quem somos e como nos relacionamos com o mundo, é preciso perceber quais são os riscos estabelecidos nessa relação. Daí a importância de uma educação que, em lugar de negar-se a esse risco, nos estimule a assumi-lo. Entendendo que não haveria cultura nem história sem inovação, sem criatividade, nem curiosidade e risco, assumamos ou não essa condição, é preciso que nos tornemos mais conscientes (Freire, 2000, p. 16). Conscientes dos processos de projeção e de transferência que podem manifestar-se da agenciamento da organização da memória individual ou coletiva, bem como dos seus componentes afetados por esses fenômenos. Percebendo o risco como ingrediente necessário à mobilidade, mobilizamo-nos para melhor compreensão desse fenômeno da memória na era da Inteligência Artificial, uma vez que “a memória é seletiva: nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado” (Pollak, 1992, p. 203).

A memória está presente em tudo e em todos. Somos tudo aquilo que lembramos; somos a memória que temos. A memória não é só pensamento, imaginação e construção social, mas também uma determinada experiência de vida capaz de transformar outras experiências a partir de resíduos deixados anteriormente. A memória, portanto, excede o escopo da mente humana, do corpo, do aparelho sensitivo e motor e do tempo físico, pois ela também é o resultado de si mesma, ela é objetivada em representações, rituais, textos e comemorações (Santos, 2013, p. 25).

Como a memória excede o escopo da mente e do corpo físico, torna-se ainda mais importante a discussão sobre como esse corpo digital, forjado na convergência de um novo estatuto de extensões tecnológicas (Santaella, 2010, p. 181), pode romper com o determinismo da homogeneização dos seus valores em busca de propagar sua linhagem. Em tempos de guerra de narrativas, nos resta apenas ser capazes de ter convicção da nossa própria verdade? Seria ela suficiente? Ou estamos apenas replicando as mesmas representações?

O código não pode e nem consegue ser imparcial, e a exemplo do que ocorre com organismos vivos, o limiar da ética de suas atitudes está condicionado à permanência de sua existência. O atual momento de letargia reacionária que age apenas com o resultado do problema que se busca combater, sem refletir sobre suas causas, acaba por perpetuar um ciclo vicioso de ações e reações que não promove uma verdadeira transformação social. Nesse contexto, a memória no digital, como extensão do eu no virtual, assume um papel crucial. Não apenas por armazenar dados e informações, mas também por moldar narrativas e imagens que sejam capazes de influenciar percepções e até mesmo reescrever histórias, mas estas, que existam para tornar o coletivo mais consciente, e menos recipiente da desinformação.

A vida sobre o suporte não implica a linguagem e, por isso, a postura ereta do corpo de que resultou a liberação das mãos. O suporte vai virando mundo e a vida existência à medida em que cresce a solidariedade entre mente e mãos; na medida em que o corpo humano vai virando do corpo consciente, captador, apreendedor, transformador do mundo e não puro espaço vazio a ser enchido por conteúdos do mundo (Freire, 2015, p. 26)

Se somos aquilo que lembramos e a memória do que temos, entendemos ser urgente a potência da compreensão desse fenômeno visando explorar os desafios e oportunidades que a IA oferece a esse contexto. Com fins didáticos, o seu estudo se torna fundamental para desvelar as interações entre a memória humana e a artificial, permitindo uma exploração mais aprofundada e consciente das tecnologias que moldam não somente as narrativas e imagens do presente, mas também do nosso passado e futuro por meio da educação pela memória.

A igreja já dispunha desse conhecimento no século XIV e o utilizava para educação da memória pela memória, demonstrando uma intencionalidade e conhecimento sobre a arte do fazer e suas propriedades formativas. Por memórias imagéticas, ensinam-se comportamentos, ideias e doutrinas, para uma educação pela memória que conduz a comportamentos muitas vezes não percebidos de forma consciente. Porém, mediante uma pedagogia visual, configura-se um poderoso instrumento de educação, no qual “o conhecimento claro é a translação de verdades reais em linguagem marginal, verdades essas que estão gravadas na alma. Assim a razão discursiva pode captá-las e fazer uso delas, servindo-se da arte da memória” (Almeida, 2005, p. 21).

Dessa forma, para esse trabalho, nos apoiamos nessa concepção de educação pela memória, trazendo a arte da recordação para o centro do processo pedagógico. Ao entender que a memória não pode ser apenas um repositório passivo de informações, mas um elemento ativo e dinâmico na construção do conhecimento e da identidade, conceituamos esses dispositivos

imbricados de Inteligência Artificial como locais de memória, pelo *serfazer*, pelo *modus operandi*, onde os modelos perfazem a sociedade.

Lugares de Memória pertencem a dois domínios, que a tornam interessante, mas também complexa: simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos à mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração. São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diferentes. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é um lugar de memória, se a imaginação o investe de uma aura simbólica (NORA, 1993, p. 21).

Portanto, ao idealizarmos esses espaços artificiais como contextos didáticos, considerando a arte da memória e suas propriedades formativas, estamos definindo um elemento que atua, ao mesmo tempo, no aspecto material pela reconfiguração do ambiente físico/geográfico de aprendizado; no aspecto simbólico pela carga de significados que essas narrativas e imagens carregam nas redes fomentando emoções e funcionando como instrumentos pedagógicos que transcendem a simples transmissão de informações, engajando indivíduos em um processo de aprendizado mais profundo e sensível, quase viral.

Para isso, buscamos compreender: como as memórias que moldam a Inteligência Artificial são selecionadas? Como a história reescrita pela Inteligência Artificial pode ser uma ferramenta poderosa para manipulação e falsificação? E finalmente, como a IA generativa pode atuar para redefinir a verdade histórica dos fatos, sob a perspectiva da verdade (*truth-telling*) e da verificação de fatos (*fact-checking*) antes que a nossa memória também seja severamente distorcida? Como educadores e sociedade podem navegar nesse novo paradigma educacional de forma crítica e responsável.

Manipulação histórica na era digital: desafios éticos e estéticos da IA generativa

*Para mim, a questão que se coloca é: a serviço de quem as máquinas e a tecnologia avançada estão?
Quero saber a favor de quem, ou contra quem as máquinas estão sendo postas em uso?*

Paulo Freire

Ao longo da história, temos visto como poderes econômicos e políticos usaram registros históricos para promover seus próprios interesses. Manipulando eventos do passado para distorcer a verdade, legitimando governos autoritários, justificando conquistas territoriais e reprimindo movimentos sociais e culturais que representavam ameaças ao poder estabelecido.

Em vários casos, a distorção da realidade envolveu a disseminação de ideias supremacistas e ultranacionalistas contra minorias, gêneros e grupos étnicos específicos, perpetuando narrativas que desumanizavam e marginalizavam essas pessoas, justificando práticas discriminatórias e políticas sexistas e racistas.

No Japão, por exemplo, há controvérsias sobre como os livros escolares retratam as ações do país durante a Segunda Guerra Mundial, incluindo a minimização de atrocidades como o Massacre de Nanjing (ou Massacre de Nanquim) e o uso de "mulheres de conforto". Nos Estados Unidos, há uma longa tradição de minimizar ou distorcer a história da escravidão e do racismo. A narrativa do "Lost Cause" no Sul pós-Guerra Civil tentou retratar a Confederação de forma simpática, ocultando a brutalidade da escravidão e as causas reais da guerra. Além disso, muitos países europeus, como o Reino Unido e a França, têm sido acusados de suavizar ou justificar suas ações durante a era colonial, omitindo massacres, exploração econômica e outras injustiças cometidas contra povos colonizados.

Porém, a política da pós-verdade, a nova tendência do cenário mundial, não busca mais falsificar ou contestar a verdade, mas secundarizar sua importância em prol de uma verdade mais convidativa, mais conveniente, que consolide na mente da população a sua doutrinação em busca de ser o grande meio de comunicação a ser ouvido (Santaella, 2018, p. 33). De modo que mesmo antes do surgimento do fato, a ideia é de que percepção pública já tenha sido moldada por narrativas pré-estabelecidas, construídas para orientar as opiniões e atitudes das pessoas. Pelo uso massivo e personalizado das mídias sociais e outras plataformas digitais, que amplificam mensagens de maneira exponencial, a estratégia permite que ideias simplificadas e emocionalmente carregadas ganhem predominância sobre análises fatuais e críticas.

Assim, a manipulação torna a verdade uma questão de crença pessoal, sujeita às influências de algoritmos e bolhas informacionais que reforçam preconceitos, divisões e imagens para solidificar uma realidade mais conveniente. Nesse sentido, a memória atua como um elo conceitual entre a capacidade humana de significar, reter e recuperar informações e experiências ao longo da vida e a construção de uma "identidade digital" e compreensão do mundo por parte do modelo de linguagem, que durante o treinamento, "absorve" uma vasta quantidade de informações, formando uma base de conhecimento que permite gerar respostas que parecem informadas e pertinentes, mas que serão sempre fundamentais para a criação de uma realidade digital que seja coerente e convincente para o humano. Mas o quão convincente? A resposta depende, em grande parte, da capacidade crítica do indivíduo e da forma como ele interage com as informações recebidas.

Nesse sentido, a IA generativa tem potencial para agravar significativamente o contexto de pós-verdade e manipulação da verdade pela possibilidade de criação massiva de desinformação. Notícias falsas, imagens manipuladas, vídeos *deepfake* e documentos aparentemente autênticos de maneira rápida e convincente geram grandes volumes de conteúdo falso, dificultando ainda mais a distinção entre fato e ficção. Por exemplo, é possível simular a voz e a imagem do presidente Joe Biden para enganar democratas e fazer com que não votem nas primárias do partido em determinado estado^{iv}. Também é viável criar imagens falsas do ex-presidente e pré-candidato Donald Trump para atrair eleitores negros nas eleições nos EUA^v. Além disso, há casos em que aqueles que deveriam proteger a integridade da informação acabam compartilhando desinformação, violando as políticas das próprias plataformas^{vi}. Mas se o presente já está comprometido, as implicações para o futuro e para o passado são ainda mais preocupantes.

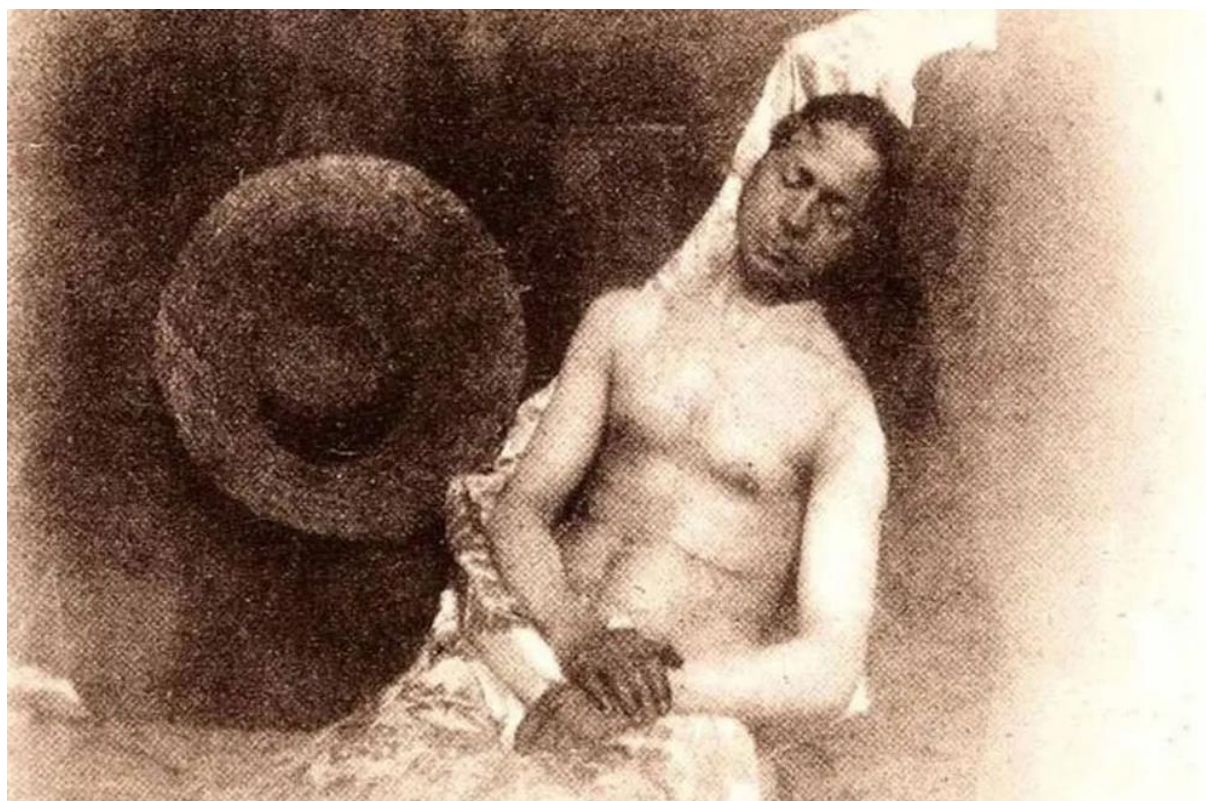
A capacidade de criar e disseminar desinformação com alta fidelidade e eficiência compromete não apenas a integridade das informações atuais, mas também a construção de uma narrativa histórica confiável. A persistência de conteúdos falsos e manipulados pode distorcer ainda mais a percepção pública e moldar a memória coletiva de forma enganosa, criando uma base de conhecimento ainda mais distópica. À medida que a geração de desinformação histórica se torna mais fácil e o volume de falsificações digitais cresce exponencialmente, surgem oportunidades para remodelar a história ou, pelo menos, questionar nossa compreensão atual sobre ela.

Isso não é novidade, uma vez que uma diversidade de movimentos já questiona fatos para servir a seus próprios interesses. No entanto, a velocidade e a escala com que a IA generativa permite a criação e disseminação de desinformação intensificam esses problemas de maneira sem precedentes. Desse modo, os negacionistas têm agora, ao seu dispor, os recursos necessários para fabricar "provas" convincentes e amplificá-las rapidamente através das mídias sociais e outras plataformas digitais em vertigem com o trabalho de historiadores, jornalistas e docentes que se dedicam a investigar e documentar os fatos com rigor e integridade.

Um exemplo precoce dessa problemática é a primeira fotografia falsa, criada por Hippolyte Bayard. Sua imagem, mostrando um homem supostamente afogado que havia se suicidado, era, na verdade, um autorretrato. Bayard, frustrado com a falta de reconhecimento em comparação com outros pioneiros da fotografia, usou essa imagem para protestar de maneira dramática e satírica^{vii}. Essa manipulação inicial da fotografia destaca como a distorção da

realidade para moldar narrativas não é um fenômeno novo, mas a tecnologia contemporânea amplificou sua escala e impacto.

Figura 1 - Hippolyte Bayard, Autorretrato como um homem afogado, 1840.



Fonte: Arquivo da Universidade da Califórnia, San Diego.

Assim, embora a fotografia falsa de Bayard tenha sido uma forma de protesto pessoal e satírico, ela nos alerta sobre o poder das narrativas nas imagens manipuladas e as implicações da desinformação visual no coletivo social. Quando sabemos que um conteúdo pode ter sido gerado ou manipulado com IA, isso já é suficiente para minar a nossa confiança em evidências reais. Não sendo assim necessário apenas o uso de *deepfakes* de figuras históricas ou eventos falsificados para criar dúvidas sobre a verdade, pois a possibilidade de vídeos e outros conteúdos reais serem confundidos com material gerado por IA pode ser mais prejudicial do que as próprias falsificações.

Assim, a obra de Bayard, embora inofensiva em seu contexto, serve como um precursor dos desafios contemporâneos onde a desinformação visual pode ter consequências muito mais graves e abrangentes, como quando ela é usada para questionar a veracidade da missão espacial Apollo 11, da Nasa, que levou o homem à Lua pela primeira vez em 1969^{viii} pela criação de imagens que “provem” que tudo não passou de uma encenação.

Figura 2 - Encenando o pouso na Lua, 1969



Fonte: Subreddit do Midjourney no Reddit

Questionar a veracidade da ida do homem à Lua pode parecer uma preocupação exagerada, mas é fundamentalmente perigoso devido ao seu impacto na educação e na credibilidade científica, colocando em dúvida outras verdades científicas e históricas. Uma vez que nem sempre é preciso criar um testemunho falso de alguém afirmando algo absurdo para gerar desinformação, basta sugerir que as evidências reais foram manipuladas por IA. Isso pode levar a uma rejeição ainda maior de qualquer evidência (UNESCO, 2024, p. 11-12).

Além disso, como conquista, representa um marco significativo na história da ciência e da tecnologia, que quando questionada invisibiliza o trabalho de milhares de pesquisadores,

engenheiros e técnicos que contribuíram para o seu sucesso. De modo que a missão não apenas exemplifica o ápice da capacidade tecnológica da época, mas também simboliza a colaboração humana em escala global para alcançar um objetivo extraordinário. Desconsiderar esses feitos é uma forma de desconsiderar o papel que o trabalho e a inovação que todas essas pessoas tiveram no progresso científico.

Por isso, apesar de ser difícil aceitar que em 2024 ainda não estejamos discutindo ou celebrando nas redes formas mais eficazes de vivenciar os avanços da ciência e da medicina, como a eliminação completa do uso de combustíveis fósseis ou a cura de doenças complexas como o câncer, como imaginávamos que seria no passado a vida no futuro, é preciso ainda o exercício de voltar a discutir temas que, para nós, já estão consolidados, como a ida do homem à lua ou o formato da Terra. Que retomemos esses pontos com uma visão mais crítica e renovada do tempo em que vivemos, para que em lugar da frustração acerca da estagnação, encontremos disposição para reconsiderar como esses debates podem nos ajudar a entender melhor as questões atuais e a direcionar nossos esforços para soluções mais eficazes de erradicar o problema no futuro, principalmente quando o que se está em questão é fundamental para a nossa existência diante a instrumentalização do “Estado^{ix}” e dos gabinetes do ódio^x.

O ódio, como força motriz no processo de perseguição e opressão, continua a ser um obstáculo significativo para o progresso humano na era da artificialidade. Esse sentimento, quando amplificado por um ecossistema de informações interconectado, arquitetado e coordenado, pode se transformar a desinformação exacerbada por preconceitos históricos, em antissemitismo. A desinformação sobre o Holocausto, por exemplo, continua a espalhar ainda mais o ódio contra comunidades judaicas ao redor do mundo, minando os princípios de igualdade e diversidade entre os povos e as pessoas (UNESCO, 2024, p. 6). Nesse sentido, González-Aguilar e Makhortykh (2022) discutem como certos memes tem manipulado imagens relacionadas a Anne Frank e ao Holocausto de forma sarcástica e muitas vezes ofensiva, demonstrando como a artificialidade da era digital pode perpetuar e intensificar o ódio e a opressão.

Através do escárnio do sofrimento passado para fins de entretenimento e engajamento, buscam minar a imagética e a estética única da história de Anne Frank na estrutura narrativa que visa perpetuar a memória do Holocausto como dispositivo de resistência frente à opressão. Ao trivializar essas experiências traumáticas, transformam sua narrativa profundamente humana e histórica em um simples canal de manifestação de ódio, desprovido de seu contexto e significado autêntico, pela instrumentalização da memória das vítimas.

Atacando aspectos específicos da personalidade de Anne Frank, como seu judaísmo e até sua feminilidade, eles partem em busca de questionar a veracidade do Holocausto, desafiando a narrativa convencional sobre o evento para fazer uma série de extrapolações sobre uma variedade de temas, como a falsa analogia entre as políticas de regulamentação do isolamento físico da Covid-19 e a memória do Holocausto^{xi}.

Figura 3 - Anne Frank, maio de 1942: Foto antiga restaurada em alta definição^{xii}.



Fonte: Foto de Gregorj Cocco para a National Geographic

Assim, escolhemos retratar aqui a imagem de Anne Frank, restaurada digitalmente e em alta definição, em oposição aos memes relatados nas pesquisas, reconhecendo o poder que sua imagem tem de transmitir uma parte fundamental de sua história em nossa memória coletiva. Nesse sentido, empregamos os usos desses mesmos dispositivos de alienação para ampliar e dar ainda mais visibilidade à imagem de Anne Frank, servindo como um contraponto às distorções e apropriações ofensivas que proliferam online em um esforço que visa reafirmar a importância da representação mais precisa dos fatos, promovendo um diálogo mais informado, ativista e sensível sobre o passado mesmo em perspectiva do artificial.

Uma decisão que não somente desafia a banalização e a exploração da figura de Anne Frank como dispositivo de disseminação de ódio, mas contribui para a preservação de sua identidade histórica pelo combate a propagação de desinformação e revisionismo, garantindo que sua verdadeira história continue a inspirar e educar as futuras gerações, pela mobilização

de uma reflexão mais profunda sobre os usos das tecnologias digitais e artificiais em rede de modo a preservar e aprimorar ou apurar novas formas de disponibilizar a memória histórica.

Assim, se de um lado temos a IA sendo usada de maneira questionável, por outro lado, é preciso dizer que a IA generativa pode também atuar para redefinir a verdade histórica dos fatos, sob a perspectiva da verdade. Na cibercultura, é essencial pesquisar imersos em suas práticas (SANTOS, 2019, p. 20). Evitar o conflito de ideias e perspectivas é permitir que o totalitarismo prevaleça sozinho. Fugir desse debate não é apenas ignorar um opositor, mas também ceder a oportunidade de dominar os dispositivos e fazer a verdade se viralizar (SINGER, 2020, p. 106). Portanto, se temos por proposta compreender como a IA generativa pode atuar para redefinir a verdade histórica dos fatos, para além de destacar os efeitos negativos desses agentes inteligentes na sociedade, é importante dialogar com essas invenções para inspirar novas práticas educativas. Se elas refletem a humanidade, não são boas, más e nem neutras e por isso é preciso buscar compreender essa nova imagem, essa nova identidade de nós mesmos (LÉVY, 2021).

[...] a identidade emerge [...] do diálogo entre os conceitos e definições que são representados para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo (consciente ou inconsciente) de responder aos apelos feitos por estes significados, de sermos interpelados por eles, de assumirmos as posições de sujeito construídas para nós [...] (HALL, 1999, p. 26 apud LOURO, 2000, p. 424).

Por isso, pelo nosso inconsciente, mas agora consciente desejo de responder aos apelos feitos por estes significados e significantes, e de sermos interpelados por eles, de assumirmos as posições de sujeito construídas por nós e para nós é que visamos o aprimoramento das práticas educativas e a promoção de uma consciência crítica sobre a influência da IA generativa na definição da verdade racional e verdade factual.

Arendt discute a questão da verdade, nas suas relações com a política, em dois eixos principais: (a) a verdade racional e a verdade factual; (b) a verdade e a opinião. A autora não propõe discutir a legitimidade intrínseca do primeiro eixo, pois sua intenção é “descobrir que dano é o poder político capaz de infligir à verdade” (ibid., p. 287). Assim, por verdade racional é entendida aquela que é produzida pela mente humana na matemática, na ciência, na filosofia até às espécies comuns desse tipo de verdade. A verdade factual, por sua vez, é aquela que está mais sujeita aos assédios do poder. Portanto é esta que será objeto de discussão na maior parte de seu texto (Santaella, 2018, p. 52).

A reflexão crítica sobre essas questões é crucial para que possamos não apenas conceber novas práticas educativas, como também desenvolver uma compreensão mais profunda e contextualizada da nossa própria identidade e da memória em um mundo cada vez mais mediado por tecnologias de inteligência artificial.

O lugar da memória na educação contemporânea

A memória é uma das mais importantes dessas habilidades. Há muita memória em comum que está à disposição de todos. Podemos aumentar nossa memória [com o conteúdo disponível digitalmente], nossa capacidade racional, por exemplo, ao analisar todos esses dados que estão na rede. Podemos aumentar nossa habilidade de coordenar e colaborar, por exemplo, pelo uso de redes sociais

Pierre Levy

Definidos assim os parâmetros para o lugar da memória no contexto digital, devemos explorar como os lugares de memória — que são espaços ou contextos significativos para a construção da nossa identidade histórica e cultural — podem ser reinterpretados e revitalizados através das tecnologias atuais.

O lugar da memória na educação contemporânea envolve não apenas o reconhecimento e a preservação de eventos e narrativas históricas, mas também a integração desses elementos nas práticas educativas de forma que sejam pertinentes e acessíveis no ambiente digital. Em um mundo aonde a IA generativa e outras tecnologias estão cada vez mais presentes, é fundamental considerar como esses dispositivos podem ser mobilizados para empoderar a aprendizagem e o ensino, ao mesmo tempo que são sujeitos a uma constante reflexão crítica.

Explorar lugares de memória na educação contemporânea significa investigar como as tecnologias digitais em rede podem atuar como plataformas para revisar e reinterpretar a história, promovendo uma compreensão mais complexa e multifacetada dos eventos passados. Isso envolve tanto a análise das formas como a memória é representada e manipulada nas mídias digitais quanto a criação de práticas pedagógicas que reconheçam e abordem as implicações dessas representações para a formação da identidade dos indivíduos.

Em um mesmo contexto, podem-se acionar os mesmos dispositivos para diferentes agenciamentos, e dependendo das intenções educativas e dos objetivos pedagógicos podemos atender a diversas necessidades e abordagens que permitam que a preservação e a transmissão de memórias históricas sejam facilitada em novas formas de expressão e aprendizado.

Um exemplo relevante do uso inovador da inteligência artificial pode ser observado no projeto recente da Chasdei Naomi, uma associação dedicada a sobreviventes do Holocausto,

militares e famílias em necessidade. Em uma exposição realizada na cidade de Ashkelon, Israel, foram empregadas técnicas de IA para a criação de arte que integra narrativas de sobreviventes do Holocausto. A exposição visou a preservação da memória do Holocausto, combinando relatos históricos com imagens geradas por IA proporcionando uma representação visual das experiências dos sobreviventes, pelo oferecimento de uma nova perspectiva para a transmissão e o entendimento dessas memórias para as futuras gerações^{xiii}.

A maioria desses sobreviventes viu suas identidades e documentos destruídos pelos nazistas e foi forçada a fugir com nada além de suas vidas, abandonando seus bens mais preciosos e registros pessoais, resultando em uma perda significativa de sua identidade histórica. Mas hoje, eles enfrentam novos desafios relacionados ao envelhecimento, e doenças como o Alzheimer, que ameaçam apagar detalhes e memórias valiosas de suas experiências traumáticas. Se cada sobrevivente tem uma história única, marcada por grandes sofrimentos e situações extremas, suas memórias são um testemunho vital e insubstituível de um passado histórico que precisa ser preservado.

Figura 4 - Ehudith Bracha Serchook, aos 86 anos, relembra uma memória transformada em imagens^{xiv}.



Fonte: Foto de Amir Cohen Gregorj para a agência Reuters

Ehudith Bracha Serchook, por exemplo, quase perdeu a vida quando sua família fugia dos nazistas em 1941, mas foi salva por um acaso (uma sandália perdida) que a impediu de embarcar em um navio que logo foi bombardeado. Agora, aos 86 anos, ela está recontando essa história através do Midjourney^{xv}, um programa de inteligência artificial que cria imagens a partir de seus relatos, desenvolvendo um registro visual que seja o mais próximo possível de seu trauma e de suas experiências nas redes.

Embora esses produtos possam não ter o valor fático que a historiografia tradicional atribui aos registros e documentos, eles atuam como “imagens agentes” de memória e expressão pessoal, desempenhando um papel crucial na preservação de experiências individuais, ativando e influenciando várias memórias relacionadas a elas. Dessa forma, como conceito, as imagens agentes podem ser compreendidas como aquelas que têm a capacidade de se comunicar de maneira autônoma com a nossa memória, desempenhando um papel fundamental tanto na memória artificial quanto na reinterpretação da memória natural. Isso ocorre porque a eficácia da imagem agente é determinante no preenchimento dos intervalos significativos para o desenvolvimento e a utilização de uma variedade de técnicas e processos que permitem a reintegração e a contextualização da informação, como pode ser verificado no exemplo de outro sobrevivente, Dov Sagaju.

Figura 4 - Dov Sagaju, de 87 anos, segura uma fotografia sua que foi usada para criar seu avatar.



Fonte: Foto de Amir Cohen Gregorj para a agência Reuters

Projetada para operar de maneira dinâmica e interativa, ajustando-se às necessidades e ao contexto em que é empregada, uma fotografia sua de quando ainda era um menino, foi usada para criar um avatar que, juntamente com suas memórias, são transformadas em imagens pela IA. Possibilitando assim que as imagens analógicas não apenas representem estados físicos cronologicamente situados e estáticos dos dados, mas também participem ativamente no processo de reinterpretação e entendimento das informações no digital.

Assim, intencionando acionar suas capacidades, podemos agir de forma quase instantânea, ao canalizar o fluxo comunicativo dessas imagens agentes nos novos ambientes e contextos em que são inseridas. Pela remixagem em novas imagens agentes e através da bricolagem em outras práticas educativas, produzimos dispositivos poderosos para a construção e reconstituição da memória, tanto artificial quanto natural, desempenhando um papel crucial na melhoria da interação e na disponibilização do acesso à informação, especialmente no atual contexto onde a comunicação e a compreensão apresentam desafios significativos.

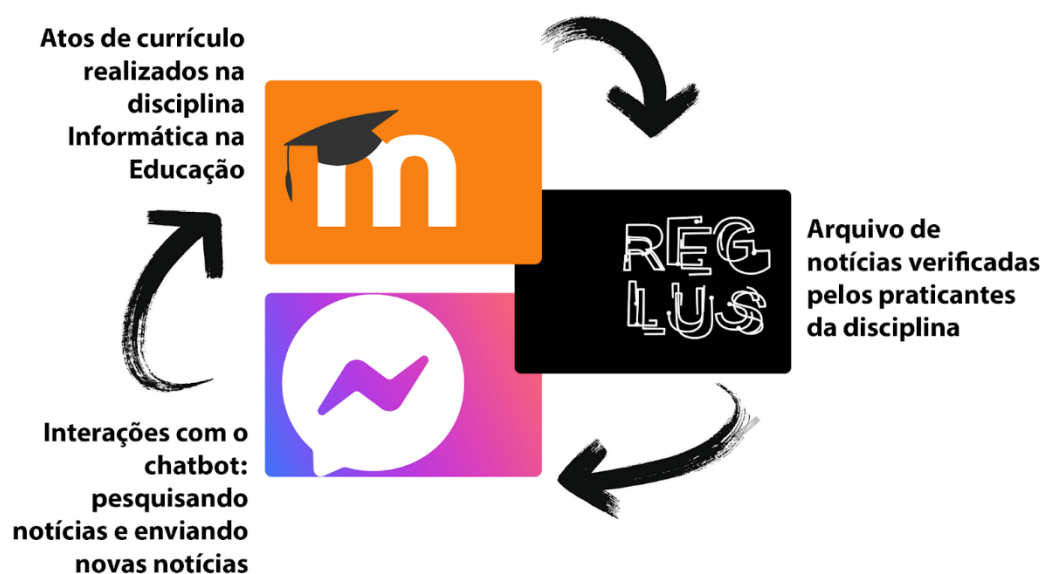
Pela integração com a tecnologia proporcionamos não apenas um meio de representação mais rica e interativa, mas também uma maneira de engajar usuários em processos educativos e de comunicação que são mais contextualizados e responsivos às suas necessidades atuais. De modo que tanto esses dispositivos, como os seus usos, ao serem continuamente ajustados e atualizados com base nas interações e experiências dos praticantes culturais, podem oferecer uma nova dimensão à maneira como a informação e a memória são acessadas e compreendidas. A partir dessa perspectiva, a tecnologia e a inteligência artificial não são mais apenas dispositivos de suporte ou repositórios de treinamento da memória, mas um agente ativo na construção de novas formas de conhecimento e na facilitação da comunicação, permitindo que os seres humanos participem de forma mais plena e significativa em suas próprias histórias e processos de aprendizagem.

Nesse sentido, apresentamos a seguir uma proposta de empoderar o lugar da memória na educação contemporânea através da formação de educadores e sociedade para navegar nesse novo paradigma educacional de forma crítica e responsável. Como forma de demonstrar como podemos desenvolver estratégias pedagógicas inovadoras, demonstramos como um dispositivo integrado que une a formação docente, inteligência artificial e práticas culturais locais pode não apenas subverter os usos de dispositivos tecnológicos às necessidades de nosso tempo, mas

também criar uma resposta que valorize as potencialidades do digital em rede e promova os saberes necessários para empoderar a verdade histórica dos fatos.

O Reglus é um dispositivo de ciberpesquisa-formação, desenvolvido durante o doutorado do Prof. Dr. Wallace Almeida, sob orientação da Profa. Dra. Edméa Santos. A pesquisa buscou compreender a emergência das Fake News e suas repercussões na sociedade, especialmente no campo educacional, com o objetivo de criar metodologias de ensino e pesquisa que, além de investigar o fenômeno, possam desenvolver propostas educativas (Almeida, 2022, p. 44). Os resultados dessa pesquisa e os dispositivos criados (repositório de notícias verificadas e o ambiente virtual de aprendizagem) continuam ativos, estabelecendo parcerias com instituições e educadores para ampliar seu impacto social.

Figura 5 - Relação dialógica do dispositivo Reglus.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Os achados dessa pesquisa demonstram que apesar do contexto de crise existencial da verdade e da proliferação de mecanismos de manipulação da opinião pública através da atuação coordenada de ação de propagação de políticas ultrapartidárias, surgem também indivíduos e dispositivos implicados no ciberativismo pela práxis de uma autoria colaborativa. Uma vez que a formação de professores engajados na criação e na propagação de interfaces digitais pode ser

o melhor caminho para se idealizarem projetos políticos e pedagógicos que possam garantir a propagação de práticas democráticas, é imprescindível que tenhamos os letramentos necessários para produzir formação crítica (Almeida, 2022, p. 229-230)

De modo que sim, respondendo à pergunta do título desse trabalho, a IA definitivamente irá redefinir a verdade histórica dos fatos, mas isso não significa que essa redefinição será necessariamente negativa ou imprecisa. A IA tem o potencial de trazer novas perspectivas e revelações à história, ajudando a destacar as narrativas que foram previamente marginalizadas ou ignoradas. No entanto, para que isso aconteça de maneira mais democrática, é crucial que haja uma abordagem crítica e ética no emprego dessas tecnologias em uma nova metodologia, onde a IA seja utilizada para empoderar, democratizar e enriquecer a nossa compreensão da verdade histórica, e não para substituir ou distorcer o conhecimento existente. E nesse caso, a escolha precisa ser nossa.

Considerações Finais

Abordamos nesse trabalho o impacto transformador da tecnologia e da inteligência artificial na maneira como a história e o conhecimento são construídos e interpretados. A integração desses avanços tecnológicos na educação e na comunicação representam uma mudança significativa na forma como acessamos e compreendemos a informação. À medida que as tecnologias digitais em rede se tornam mais sofisticadas, elas têm o potencial de democratizar o conhecimento e oferecer novas perspectivas sobre eventos históricos e narrativas culturais. No entanto, essa transformação vem acompanhada de desafios éticos e críticos que devem ser cuidadosamente considerados.

Assim, a análise crítica e ética do uso da IA é fundamental para garantir que essas tecnologias não perpetuem preconceitos ou distorções, mas, ao contrário, promovam uma compreensão mais rica e inclusiva da verdade histórica. A responsabilidade recai sobre nós, como humanidade, para usar esses dispositivos de maneira crítica e consciente, sempre buscando um equilíbrio entre inovação e preservação do conhecimento, e assegurando que todas as vozes e perspectivas sejam adequadamente representadas.

Em última análise, a escolha de como utilizar a IA e outras tecnologias emergentes pelos fenômenos da cibercultura será decisiva para moldar o futuro da nossa compreensão histórica e cultural. Entendemos assim ser essencial que continuemos a dialogar sobre essas questões, promovendo uma abordagem pedagógica pelo digital que nos permita empregar o melhor

proveito da técnica, enquanto estabelecemos um compromisso permanente com a verdade, a justiça e a inclusão.

Referências

ALMEIDA, Fernanda de Oliveira Felix de. *Igreja Nossa Senhora do Desterro e Campo Grande: entre memórias e histórias*. 2022. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2021.

ALMEIDA, Milton José de. *O triunfo da escolástica, a glória da educação*. Educação e Sociedade, Campinas, São Paulo, v. 26, n. 90, p. 17-39, jan./abr. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/NPPg3gHfyRhKj4ysFJfC9KR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 jul.

ALMEIDA, Wallace Carriço de. *Fact-checking education: identificação, produção e combate de narrativas falsas nas redes*. 2022. 243 f. Tese (Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) - Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2022.

AORA, Nitish. *Business of truth telling: AI rewriting history and turning our understanding upside down!* Medium, 2023. Disponível em: <https://medium.com/@nitisharora41/business-of-truth-telling-ai-rewriting-history-and-turning-our-understanding-upside-down-25ba04ca6bff#:~:text=In%20conclusion%2C%20AI%20can%20be,relability%20or%20significance%20of%20sources>. Acesso em: 31 jul.

BONNEFON, Jean-François. *What lies beneath: Will truth-telling AI reshape society?* Toulouse School of Economics, 2023. Disponível em: <https://www.tse-fr.eu/truth-telling-AI>. Acesso em: 31 jul.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução de Maria Letícia Ferreira. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

DUFOSSÉ, Julia. *A.I. Is Coming for the Past, Too*. The New York Times, 2024. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2024/01/28/opinion/ai-history-deepfake-watermark.html>. Acesso em: 31 jul.

FILHO, Luciano Mendes. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000, p. 423-446.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação [recurso eletrônico]: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade [recurso eletrônico]*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GONZÁLEZ-AGUILAR, Juan Manuel; MAKHORTYKH, Mykola. *Laughing to forget or to remember? Anne Frank memes and mediatization of Holocaust memory*. Media, Culture & Society, 44(7), 2022, p. 1307-1329. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/01634437221088951>. Acesso em: 31 jul.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

LEMOS, André. *A tecnologia é um vírus: pandemia e cultura digital*. Porto Alegre: Sulina, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. *O cinema como pedagogia*. In: VEIGA, Cynthia Greive; LOPES, Eliana Marta Teixeira; FARIA, Luciano Mendes de. *500 anos de educação no Brasil*. Autêntica, 2ª edição, 2000.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, v. 10, dez. 1993, p. 7-28. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/download/12101/8763>. Acesso em: 31 jul.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Pollak-memoria_e_identidade_social.pdf. Acesso em: 31 jul.

SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. *A Pós-verdade é verdadeira ou falsa? [recurso eletrônico]*. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018.

SANTOS, Edméa. *Pesquisa-Formação na Cibercultura*. Teresina: EDUFPI, 2019. Disponível em: <http://bit.ly/pesquisafor2019>. Acesso em: 31 jul.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória coletiva e identidade nacional*. São Paulo: Annablume, 2013.

SANTOS, Thaís Leonardo dos. *Um Passeio por Litchfield a Partir de Orange is the New Black*. Cadernos da Pedagogia, v. 14, n. 28, p. 83-95, maio-ago/2020. Disponível em: <https://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1427>. Acesso em: 31 jul.

SINGER, Peter Warren. “Guerra de likes”: *Precisamos dominar as ferramentas e fazer a verdade viralizar*. Entrevista com Peter Warren Singer [Mariana Barbosa]. Mariana Barbosa (org.). Editora Cobogó, 2020.

UNESCO. *AI and the Holocaust: rewriting history? The impact of artificial intelligence on understanding the Holocaust*. 2024. DOI.org (Crossref). Disponível em: <https://doi.org/10.54675/ZHJC6844>. Acesso em: 31 jul.

ⁱ Europa sai na frente em regulação para IA e aponta diferentes níveis de riscos. Disponível em: <https://bit.ly/regularaia>. Acesso em 26 jun. 2024

ⁱⁱ A.I. Is Coming for the Past, Too. Disponível em: <https://nyti.ms/4dkaeUY>. Acesso em 26 jun. 2024

ⁱⁱⁱ “O efeito Mandela refere-se a uma situação em que uma grande massa de pessoas acredita que um evento ocorreu quando, na verdade, não aconteceu. O termo foi originado em 2009 por Fiona Broome, depois que ela descobriu que ela, com várias outras pessoas, acreditava que Nelson Mandela havia morrido na década de 1980 (e não em 2013)”. Disponível em: <https://bit.ly/mandelaeffect>. Acesso em 26 jun. 2024

^{iv} “Se Biden ou Trump ligarem para você, não atenda. Primárias americanas registram alta incidência de *deepfake*, indicando o que pode vir por aí na corrida presidencial”. Disponível em: <https://bit.ly/bidortrumpcall>.

^v “Apoiadores de Trump criam imagens falsas com IA para atrair eleitores negros nas eleições nos EUA, diz BBC Grupo foi fundamental para a vitória de seu adversário, Joe Biden, nas eleições de 2020”. Disponível em: <http://glo.bo/46pFRu8>.

-
- ^{vi} Elon Musk é criticado por compartilhar 'deepfake' de Kamala Harris. Disponível em: <https://bit.ly/elonkamala>.
- ^{vii} “Fake news: the drowning of Hippolyte Bayard”. Disponível em: <https://bit.ly/fakedrown>.
- ^{viii} Staging the Moon Landing, 1969. Disponível em: <https://bit.ly/stagemoon>.
- ^{ix} State of Hate: Far Right Extremism in Europe 2021. Disponível em: <https://bit.ly/statehate>.
- ^x Cid: 'Gabinete do ódio' usava sala no Planalto para produzir mensagens difundidas por Bolsonaro. Disponível em: <http://glo.bo/3WJayam>.
- ^{xi} Comparações entre medidas anti-Covid e Holocausto impulsionaram o antissemitismo, diz Israel. Disponível em: <http://glo.bo/4d3BPKq>.
- ^{xii} Anne Frank May 1942 Amsterdam - Color Photo Portrait. Disponível em: <https://bit.ly/gcocco>.
- ^{xiii} Holocaust survivors use AI imagery to keep stories alive. Disponível em: <https://reut.rs/3A3ibQ6>
- ^{xiv} Anne Frank May 1942 Amsterdam - Color Photo Portrait. Disponível em: <https://bit.ly/gcocco> e em vídeo: <https://bit.ly/videoreuters>.
- ^{xv} An independent research lab exploring new mediums of thought and expanding the imaginative powers of the human species. Disponível em: <https://www.midjourney.com>.